

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA EM CIDADES PEQUENAS

Francisco Ednardo Gonçalves

Professor do CEFET-RN e pesquisador do Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográfico (NUPEG)

E-mail: ednardo@cefetrn.br

Daniel Fonseca de Medeiros

Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia – CEFET-RN, bolsista voluntário do Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG)

E-mail: danielfonsecademedeiros@yahoo.com.br

Maria Cristina Cavalcanti de Araújo

Professora do CEFET-RN e pesquisadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG)

E-mail: mariacristina@cefetrn.br

Ademir Araújo da Costa

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia- UFRN

E-mail: ademir@ufrnet.br

Gilnara Karla Nicolau da Silva

Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia – CEFET-RN; bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG)

E-mail: gilkn@yahoo.com.br

Resumo

O ensino de Geografia deve contribuir para uma leitura completa e dinâmica do mundo, sendo assim, a ciência geográfica, praticada em sala de aula, deve levar os educandos a compreenderem melhor o mundo e a sociedade em que vivem. Apesar dos consideráveis avanços dessa ciência no Brasil, a prática de ensino na escola fundamental e média tem deixado a desejar, necessitando de atenção e investimentos que visem à melhoria e a formação continuada dos profissionais da área de ensino, e, mais especificamente, dos que trabalham com a Geografia (CALLAI, 2003; KAERCHER, 2002). Inúmeras dificuldades estão presentes no ato de educar. Muitos professores encontram-se desmotivados para estarem em sala de aula, devido ao descaso do poder público e, sobretudo, aos salários irrisórios que esses recebem. Isso faz com que tais docentes não busquem melhorar o seu rendimento como educador, reproduzindo, dessa forma, um ensino meramente tradicional, utilizando apenas o livro didático, como ferramenta pedagógica, desprezando, assim, as realidades regionalizadas, nas quais os alunos estão inseridos. Tendo em vista esse quadro de referência, a finalidade do presente trabalho é elaborar e aplicar estratégias pedagógicas que possam ser utilizadas no ensino de Geografia em cidades pequenas, viabilizando, assim, uma melhoria na qualidade do ensino-aprendizagem em Geografia. Para isso recorreremos aos seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, caracterização da prática pedagógica adotada pelos professores, realização de oficinas

pedagógicas com os professores, além de elaboração de materiais didáticos que possam ser utilizados em sala de aula. Diante da enorme quantidade de cidades nesse patamar que apresentam problemas, considerou-se por bem trabalhar com uma das cidades pequenas do Rio Grande do Norte, por ser um estado periférico – em relação ao centro econômico e financeiro do Brasil – que está inserido na região Nordeste do Brasil, considerada problemática, para não dizer “atrasada” e, ainda, por apresentar 91,61% das suas cidades com população inferior a 20 mil habitantes. Levando em consideração a “Classificação socioeconômica dos municípios do Rio Grande do Norte” (RIO GRANDE DO NORTE, 1998), elegeu-se a cidade de Bom Jesus, onde existem quatro escolas da rede pública de ensino. Nessas escolas o ensino de Geografia é ministrado por nove professores. Nos estudos iniciais observou-se um fato particular e preocupante, que merece destaque: nenhum desses profissionais que lecionam Geografia tem formação específica na área. São pedagogos, historiadores e professores de português que estão ministrando aulas de Geografia. Para a realização desse trabalho foram selecionadas a Escola Municipal Alice Garcia Freire e a Escola Estadual João Alves de Melo, tendo em vista a quantidade de alunos matriculados e o número de salas de aulas existentes nessas instituições. Na primeira funcionam vinte turmas do 6º ao 9º ano e estão regularmente matriculados 656 alunos. Por sua vez, a Escola Estadual João Alves de Melo possui nove turmas do ensino médio, com 426 alunos matriculados e cinco turmas do 6º ao 9º ano, com 191 alunos. Para apresentação da proposta de estudo foi estabelecido contato com a Secretaria Municipal de Educação de Bom Jesus e com as respectivas coordenações pedagógicas. Num segundo momento foi articulado um contato com os professores que ministram aulas de Geografia em Bom Jesus. Na oportunidade foram aplicados formulários a fim de detectar a prática pedagógica de tais professores em sala de aula. Além dessa técnica utilizou-se a entrevista com questões abertas. Tais professores relataram os obstáculos que vivenciam em sala de aula ao trabalharem com uma ciência que não possuem formação específica. A grande questão é que em Bom Jesus, a exemplo do que ocorrem em outras cidades, há uma necessidade de profissionais qualificados para lecionarem essa disciplina. Por essa razão, profissionais de outras áreas terminam aceitando tal disciplina para completarem sua carga horária. A partir da análise dos formulários e das entrevistas realizadas constatou-se que esses professores utilizam metodologias de ensino totalmente ultrapassadas, o que torna o ensino de Geografia desinteressante para os alunos. Por estarem distantes e não conhecerem muito bem a ciência Geográfica tais profissionais reconhecem que estão despreparados para atuarem em sala de aula com essa disciplina. Os conteúdos trabalhados limitam-se ao que consta nos livros didáticos, muitas vezes não condizentes com a realidade que envolve tais alunos. É como se a Geografia fosse uma ciência abstrata, desconectada do mundo. Com o intuito de levar para os professores, que lecionam a disciplina de Geografia, novas metodologias de ensino que possam fazer com que as aulas de Geografia tornem-se atraente para os alunos, bem como para os professores, desenvolvemos oficinas pedagógicas com os professores e com algumas turmas das escolas selecionadas. Os resultados indicam que o ensino de Geografia nas cidades pequenas, tomando como referência Bom Jesus-RN, passa por uma situação muito crítica, necessitando de intervenções que visem seu aprimoramento. Essa disciplina está sendo ministrada por profissionais desqualificados e de forma totalmente questionável. O conhecimento geográfico é uma iniciação ao raciocínio espacial, hoje tão necessário na formação do cidadão. Na concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, trata-se de “uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações” (BRASIL, 1998, p. 26). É, portanto, uma ferramenta fundamental para refletir sobre a realidade na qual estamos inseridos e decidirmos como iremos nos posicionar em relação ao mundo de hoje. Diante dessa

realidade surge uma pergunta: “Como a geografia escolar conseguirá cumprir seu papel de “desvendar”, tornar o mundo conhecido para os alunos, se não está sendo conduzida por profissionais qualificados?”

Palavras-chaves: ensino; Geografia; cidades pequenas; estratégias pedagógicas; educação

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia, na concepção de Kaercher (2002), deve contribuir para uma leitura completa e dinâmica do mundo, sendo assim, a ciência geográfica, praticada em sala de aula, deve levar os educandos a compreenderem melhor o mundo e a sociedade em que vivem.

Apesar dos consideráveis avanços dessa ciência, a prática de ensino na escola fundamental e média tem deixado a desejar, necessitando de atenção e investimentos que visem à melhoria e a formação continuada dos profissionais da área de ensino, e, mais especificamente, dos que trabalham com a Geografia (CALLAI, 2003; KAERCHER, 2002).

Inúmeras dificuldades estão presentes no ato de educar. Muitos professores encontram-se desmotivados para estarem em sala de aula, devido ao descaso do poder público e, sobretudo, aos salários irrisórios que esses recebem. Isso faz com que tais docentes não busquem melhorar o seu rendimento como educador, reproduzindo, dessa forma, um ensino meramente tradicional, utilizando apenas o livro didático, como ferramenta pedagógica, desprezando, assim, as realidades regionalizadas, nas quais os alunos estão inseridos (NUNES, 2004).

Por conseguinte, a qualidade do ensino em geral e, em particular, o de Geografia, deixa muito a desejar, fazendo com que professores e alunos passem a ser uma espécie de vítima desse processo de ensino excludente, no qual são trabalhados conteúdos descontextualizados da realidade local em que esses segmentos estão inseridos. Sendo assim, na maioria das vezes, a Geografia que é ensinada e aprendida nas escolas não leva o aluno, nem o professor a motivarem-se, uma vez que os conteúdos trabalhados estão distantes das necessidades e interesses que lhes são inerentes.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar a realidade do ensino de Geografia em cidades pequenas, mais especificamente na cidade de Bom Jesus, localizada no estado do Rio Grande do Norte. Uma das problemáticas mais evidentes, que justificam a realização deste trabalho, é que poucos estudos teórico-empíricos têm sido realizados sobre o Ensino de Geografia no Rio Grande do Norte. A escolha da cidade de Bom Jesus deve-se ao fato de sua localização numa região – Agreste Potiguar – que não foi contemplada com a reestruturação produtiva, ocorrida nas três últimas décadas, constatada em outras regiões do Rio Grande do Norte.

Existe um grande desnível socioeconômico entre as cidades do Agreste Potiguar e das outras regiões potiguares, pois a maioria das cidades da área em questão não encontrou alternativas econômicas que viabilizassem seu desenvolvimento e amenizassem o quadro de pobreza gerado pela crise das economias tradicionais aliada à insuficiente atuação do poder público.

Para o presente estudo foram analisadas duas escolas nessa cidade. A fim de detectar como os profissionais da educação que lecionam Geografia, buscam atender as necessidades dos alunos no que refere-se ao ensino-aprendizagem. Para tanto, buscou-se a fundamentação teórica de alguns autores como Callai (2003), Cavalcanti (2005), Kaercher (2002), Nunes (2004), Vesentini (2003), entre outros.

AS RELAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR: limites e desafios

A educação, atualmente, é um das áreas mais importantes para o desenvolvimento de uma nação. É transmitindo informações, instruindo a população, ou seja, produzindo conhecimentos que um país cresce, aumentando sua renda e a qualidade de vida das pessoas. Embora o Brasil tenha avançado neste campo, nas últimas décadas, há, ainda, muito para ser feito, no que concerne à educação. Boa parte das escolas, do país, encontram-se sucateadas; possuem estrutura física deficiente; falta material didático; os professores, a maioria deles, são despreparados para ministrarem as disciplinas e, como consequência disto, encontramos alunos desestimulados em sala de aula.

O quadro exposto, acima, é refletido no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, no que tange a construção de novos conhecimentos de distintas disciplinas, como por exemplo: Matemática, Física, Química, Português, Geografia, etc.

Sabemos que, como ciência social, a Geografia deve ser estudada, considerando o aluno e o lugar em que ele vive. Hoje, observamos uma dicotomia entre a realidade vivida pelo aluno e os conteúdos trabalhados em sala de aula. É necessário que tais conteúdos sejam (re)discutidos, com base na realidade socioespacial construída, sem perder de vista a interface sociedade-natureza. Logo, sabemos que é preciso que os alunos tenham a idéia de pertencimento em relação ao espaço em que vivem, tornando-se participantes dos processos de trabalho e desenvolvimento que, ali, ocorrem. Portanto, “cabe ao geógrafo identificar, escolher, articular perspectivas metodológicas de pesquisa e ensino, analisando o conjunto global ou a categoria setorial dos fenômenos” (FRANCISCHETT, 2004). É de responsabilidade do professor buscar o conteúdo e trabalhá-lo, de forma que os alunos se interessem da realidade em que vivem, estimulando, também, a criticidade dos mesmos.

Não é uma tarefa fácil trabalhar o conteúdo geográfico em sala de aula. Muitos profissionais, da área, não sabem como deixar a aula mais atrativa para os alunos, no intuito dos mesmos se interessem pela disciplina. A maioria das aulas são cansativas, os professores levam os alunos a decorarem o conteúdo, ou seja, ministram o famoso ensino bancário, utilizado por muitos docentes, os quais fazem uso da técnica do ensino tradicional defasado.

Além disso, há, também, um quadro herdado do período do Estado Militar, em que o país viveu, o qual justifica a situação atual do ensino fundamental e médio: os professores trabalham insatisfeitos com a imensa carga horária de aulas que têm que cumprir, bem como a incompatibilidade dos salários, em detrimento às horas trabalhadas, dos profissionais em educação e, também, os alunos são induzidos a decorarem e aceitarem o que está escrito no livro didático (OLIVEIRA, 2005).

Diante deste contexto, a “indústria do livro didático” (grifo do autor) expandiu-se, tornando-se, assim, a “bíblia” dos professores (OLIVEIRA, 2005, p.137).

Em face do exposto, o referido autor enfatiza que

as editoras nem sempre colocavam no mercado, livros com um mínimo de seriedade e veracidade científicas. Este material, sem qualidade, utilizado pelos professores da rede oficial, é que se tem transformado no definidor da Geografia que se ensina.

Portanto, notamos que o ensino de Geografia nas escolas do Brasil é preocupante, pois “a maioria dos livros didáticos, não têm acompanhado as transformações que a ciência geográfica vem sofrendo nos últimos tempos” (OLIVEIRA, 2005, p. 137). Não só o aluno, mas, também, o professor, é vítima da violação dos conteúdos geográficos encontrados nos livros didáticos, porquanto o professor de geografia não tem tido a mínima condição, na maioria das vezes, de formar cabeças pensantes, de estimular o senso crítico dos alunos, ou então, ser o próprio juiz do livro didático (OLIVEIRA, 2005).

Diante disso, há uma tarefa árdua para o docente, no que concerne a trazer mudanças no ensino do conteúdo da ciência geográfica em sala de aula. Cabe ao docente em Geografia dinamizar suas aulas, torná-las atrativas para os alunos, levando, por meio de estratégias pedagógicas de ensino, o conteúdo da disciplina de forma prazerosa, para que o aluno tenha curiosidade de aprender os conteúdos geográficos e mude a sua forma de compreender e entender o espaço geográfico, ou seja, o mundo em que vive.

SOBRE AS ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

Ensinar Geografia é possibilitar as condições necessárias para que os alunos construam um novo modo de compreender, cientificamente o mundo. A tarefa hoje para a Geografia é a de explicar o mundo, é revisitar o mundo, desvelando efeitos de verdade, redescobrimo significados, desnudando imagens e recuperando identidades.

De modo particular, a sistemática de trabalho no ensino de Geografia deve contemplar múltiplas ações, sobretudo, atividades práticas, como dinâmicas de grupo, exibição e discussão de filmes, atividades cartográficas, aula-passeio, entre outras, numa perspectiva que priorize “[...] um ensino dinâmico, atual, criativo e instigante para que nossos alunos percebam a Geografia como um conhecimento útil e presente na vida de todos” (KAERHER, 2002, p. 230). É preferível um posicionamento em que o mais importante seja ter sempre a preocupação de se considerar o nível de compreensão do aluno, ouvindo-o para colher o seu repertório, enquanto ponto de partida para a reflexão de suas próprias experiências e de outras situações reais.

Não se trata de aplicar modelos pré-estabelecidos, mas possibilitar formas para que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino, que venham ao encontro das necessidades concretas dos alunos. Para tanto, faz-se necessária a participação ativa do aluno, utilizando as diferentes linguagens disponíveis, as quais devem ser utilizadas no sentido de proporcioná-los a percepção de si como elementos de um todo, sendo também responsável por atitudes adequadas de trabalho, bem como o desenvolvimento de outros recursos cognitivos e afetivos que levem os alunos a se conhecer e se expressar como indivíduos e como seres atuantes na realidade em que vivem. Desse modo, trata-se de uma aprendizagem significativa que relacione os conhecimentos que o aluno traz aos conhecimentos que a escola/ciência acumulou ao longo de sua história.

Para Pontuschka (2001, p. 112), mesmo diante dos obstáculos existentes, “há que se pensar em um ensino que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, flexível, crítico e criativo. Não é uma formação para o mercado de trabalho apenas, mas um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão”. Através das construções espaciais – o urbano, o rural, a relação entre nações, os conflitos entre os grupos sociais – podemos almejar a discussão e reflexão dos valores éticos, estéticos e políticos das sociedades e espaços a que pertencemos (KAERCHER, 2004).

Nesse sentido, é imprescindível trazer-se a Geografia para o cotidiano do aluno, de uma forma instigante e provocadora de perguntas e espantos. Para Kaercher (2004, p. 56) “espantar os alunos ‘eu não havia pensado nisso, professor!’, gerar

inconformidade com as explicações excessivamente generalistas pode ser um belo e permanente desafio a nós educadores”. Assim sendo, os fenômenos sociais, culturais, políticos ou naturais devem ser contextualizados em relação ao lugar ou espaço no qual o aluno está inserido.

Ao professor cabe desconstruir o caráter de fragmentação que envolve a Geografia, de forma a intervir no processo de ensino-aprendizagem valorizando o entendimento do espaço geográfico como uma extensão humana e física. Por meio de uma prática refletida e bem teorizada, devemos buscar alternativas didáticas para promover um diálogo profícuo com os nossos alunos (KAERCHER, 2004).

Segundo Crocetti (2002), é nestes termos que o ensino de Geografia adquire dimensão fundamental no currículo escolar: um ensino que busque junto aos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e com a sociedade; não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela representa, dividida em classes, com conflitos e contradições e, que, particularmente, contribua para sua transformação.

A GEOGRAFIA ESCOLAR

O ensino de Geografia que é ministrado atualmente na rede escolar do ensino fundamental e médio do país não atende satisfatoriamente aos interesses dos alunos, nem tão pouco dos professores. Essa realidade é fruto de um processo histórico que está relacionado às condições que são oferecidas ao sistema de ensino do país, principalmente no que tange à própria deficiência da escola, que reflete na formação do profissional em educação, nas condições de trabalho oferecidas, como por exemplo, no material didático deficiente e defasado, com ênfase na ausência de uma reciclagem, entre outros.

Como ciência social, a Geografia deve ser estudada considerando o aluno e o lugar em que ele vive. Atualmente, percebe-se uma dicotomia entre a realidade vivida pelo aluno e os conteúdos trabalhados em sala de aula. É preciso que tais conteúdos sejam rediscutidos com base na realidade do espaço construído, sem perder de vista a interface sociedade-natureza. É necessário que os alunos tenham a idéia de pertencimento em relação ao espaço em que vivem, tornando-se participantes dos processos de trabalho e desenvolvimento que ali ocorrem.

Nesse sentido, Vesentini (2003) propõe que o ensino de Geografia acompanhe os rumos trilhados pela renovação do ensino. Que esse seja adequado ao século XXI e à revolução técnico-científica em andamento, ou seja, que o ensino privilegie não só o conteúdo, mas também o raciocínio, o aprender a aprender, a sociabilidade, o saber fazer. Pois, ao contrário do que alguns pensam, o encurtamento do mundo com a abertura dos mercados nacionais, com as novas telecomunicações, com as redes de computadores, entre outros, não significou o "final da geografia", isto é, do espaço geográfico, dos lugares e suas peculiaridades, e sim a sua revalorização (VESENTINI, 2003).

Dessa forma, a Geografia mostra-se cada vez mais importante, como ciência e como disciplina, por que é por meio dela que o aluno irá conhecer o mundo em que vive.

De acordo com Souza (2005), o caminho mais adequado para desenvolver procedimentos no ensino de Geografia é fazer uma reflexão inicial sobre os objetivos de ensino. Antes de qualquer coisa, deve-se saber o que é ensino.

Na concepção de Cavalcanti (2005, p. 71) ensino corresponde a

um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as formas organizativas do ensino. Nesse processo, os objetivos devem nortear

os conteúdos e os métodos. E os procedimentos são as formas operacionais do método de ensino, isto é, são atividades para viabilizar o processo de ensino, tal como ele é concebido teórica e metodologicamente.

Dessa maneira, deve haver uma articulação entre os objetivos, os conteúdos e os métodos (componentes de ensino), inseridos numa proposta de ensino, para fazer com que o papel da Geografia, no ensino básico, seja o ponto inicial de reflexão sobre os procedimentos que devem ser usados para o ensino de Geografia (CAVALCANTI, 2005).

A geografia, seu ensino, tem como função levar o aluno a compreender o espaço geográfico como resultado de múltiplas determinações, determinações estas naturais e histórico-sociais envolvidas na produção do espaço geográfico (VIEIRA, 2004).

Portanto, faz-se necessário que o professor de Geografia saiba articular os componentes de ensino, para que haja uma interação entre a Geografia Escolar e a Ciência Geográfica, no intuito de não tornar-se mais um repetidor de conceitos prontos, mas sim, ter firmeza e condições de construir novas idéias e novos questionamentos significativos que contribuam para o aprendizado dos alunos.

Diante das especificidades que envolvem a atual situação da Geografia escolar verificou-se a necessidade de investigar como anda o ensino de Geografia nas cidades pequenas, mais especificamente na cidade de Bom Jesus-RN.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA CIDADE BOM JESUS-RN

Segundo o Índice de Desenvolvimento Básico (Ideb), nas cidades pequenas configuram-se o que há de melhor e pior da educação brasileira. “São municípios pequenos que figuram no topo da lista do país no novo indicador criado pelo Ministério da Educação (MEC) [...]. São também essas cidades que trazem os piores resultados”.

Diante da enorme quantidade de cidades que apresentam problemas nesse patamar, considerou-se por bem trabalhar com uma das cidades pequenas do Rio Grande do Norte, por ser um estado periférico – em relação ao centro econômico e financeiro do Brasil – que está inserido na região Nordeste do Brasil, considerada problemática, para não dizer “atrasada” e, ainda, por apresentar 93,37% das suas cidades com população inferior a 20.000 habitantes¹. Levando em consideração a “Classificação socioeconômica dos municípios do Rio Grande do Norte” (RIO GRANDE DO NORTE, 1998), elegeu-se a cidade de Bom Jesus.

Distante 50 km da capital, Natal, Bom Jesus está localizada na microrregião do Agreste Potiguar, no estado do Rio Grande do Norte. Segundo o IBGE (2007), o referido município possui uma área territorial de 122 km² e sua população está estimada em 8.478 habitantes.

Na cidade de Bom Jesus há quatro escolas da rede pública de ensino. São elas: Alice Garcia Freire e Manoel Amaro de Lima, escolas municipais que oferecem o ensino fundamental; além da Natália Fonseca e da João Alves de Melo, ambas escolas estaduais que oferecem o ensino médio.

Nessas escolas o ensino de Geografia é ministrado por nove professores. Nos estudos iniciais observou-se um fato particular e preocupante, que merece destaque: nenhum desses profissionais que lecionam Geografia tem formação específica na área. São

¹O patamar de 20.000 habitantes é um parâmetro frequentemente utilizado em organizações internacionais para classificar uma cidade como pequena. Foi proposto pelo sociólogo francês Henri Mendras (ABRAMOVAY, 2000, p. 5).

pedagogos, historiadores e professores de português que estão ministrando aulas de Geografia.

Para a realização desse trabalho foram selecionadas a Escola Municipal Alice Garcia Freire e a Escola Estadual João Alves de Melo, tendo em vista a quantidade de alunos matriculados e o número de salas de aulas nessas instituições.

Na Escola Municipal Alice Garcia Freire, funciona vinte turmas do 6º ao 9º ano e estão regularmente matriculados 656 alunos. Por sua vez, a Escola Estadual João Alves de Melo possui nove turmas do ensino médio, com 426 alunos matriculados e cinco turmas do 6º ao 9º ano, com 191 alunos.

Inicialmente, para apresentação da proposta de estudo foi estabelecido contato com a Secretaria Municipal de Educação de Bom Jesus e com as respectivas coordenadoras pedagógicas. Num segundo momento foi articulado um contato com os professores que ministram aulas de Geografia em Bom Jesus. Na oportunidade foram aplicados formulários a fim de detectar a prática pedagógica de tais professores em sala de aula. Além dessa técnica utilizou-se a entrevista com questões abertas. Tais professores relataram os obstáculos que vivenciam em sala de aula ao trabalharem com uma ciência que não possuem afinidades e conhecimentos. A grande questão é que em Bom Jesus, a exemplo do que ocorrem em outras cidades, há uma necessidade de profissionais qualificados para lecionarem essa disciplina. Por essa razão, profissionais de outras áreas terminam aceitando tal disciplina para preencherem o horário da disciplina de Geografia.

A partir da análise dos formulários e das entrevistas realizadas constatou-se que esses professores utilizam metodologias de ensino totalmente ultrapassadas, o que torna o ensino de Geografia desinteressante para os alunos. Por estarem distantes e não conhecerem muito bem a ciência Geográfica tais profissionais reconhecem que estão despreparados para atuarem em sala de aula com essa disciplina. Os conteúdos trabalhados limitam-se ao que está nos livros didáticos, que muitas vezes não são condizentes com a realidade que envolve tais alunos. É como se a Geografia fosse uma ciência abstrata, desconectada do mundo. Quando na verdade o que ela é?

Atualmente, foram aplicados formulários juntos aos alunos para verificar o entendimento desses em relação a disciplina em questão. Após a análise destes formulários serão formuladas algumas estratégias de ensino que possam aprimorar e dinamizar as aulas de Geografia.

Com o intuito de levar para os professores, que lecionam a disciplina de Geografia, novas metodologias de ensino que possam fazer com que as aulas de Geografia tornem-se atraente para os alunos das escolas, bem como para os professores, pretende-se ainda, desenvolver oficinas pedagógicas com os professores e com algumas turmas das escolas selecionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da Geografia é muito importante para entender o lugar em que vivem as sociedades, as pessoas, os alunos. Esse lugar pode ser entendido como nossa casa, nossa rua, nosso bairro e este “abre perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço” (CARLOS, 1994, p. 303).

Os resultados preliminares indicam que o ensino de Geografia nas cidades pequenas, tomando como referência a cidade de Bom Jesus-RN, passa por uma situação muito crítica, necessitando de intervenções que visem seu aprimoramento. Essa disciplina está sendo ministrada por profissionais desqualificados e de forma totalmente questionável.

O conhecimento geográfico é uma iniciação ao raciocínio espacial, hoje tão necessário na formação do cidadão. Na concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, trata-se de “uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações” (BRASIL, 1998, p. 26). É, portanto, uma ferramenta fundamental para refletir sobre a realidade na qual estamos inseridos e decidirmos como iremos nos posicionar em relação ao mundo de hoje.

Diante dessa realidade surge uma pergunta: “Como a geografia escolar conseguirá cumprir seu papel de “desvendar”, tornar o mundo conhecido para os alunos, se não está sendo conduzida por profissionais qualificados?”

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. (Texto para discussão, n. 702).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Brasília, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos [et al.] (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2003. p. 57-66.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2005.

CROCETTI, Zeno Soares. **Por que estudar geografia?** [s.l.], 2002 [mimeo].

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. A cartografia no ensino-aprendizagem da Geografia. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>>. Acesso em: 12 dez 2008.

IBGE CIDADES. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 07 ago. 2008.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib (Org.). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-231.

_____. Quando a Geografia crítica pode ser um pastel de vento. **Mercator**, v. 3, n. 6, 2004. UFC, Fortaleza.

NUNES, Adão Cícero Ferreira. **Geografia**, Londrina. v. 13, n. 1. Jan./Jun. 2004. Disponível em: <<http://www.geo.uel.br/revista>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani (org.). **Novos rumos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 111-142.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: _____. (Org). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RIO GRANDE DO NORTE. Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente. **Classificação sócio-econômica dos municípios do Rio Grande do Norte.** Natal, 1998.

RN fica entre os últimos em nova pesquisa do MEC. Tribuna do Norte, Educação, 27 abr. 2007. Disponível em: <www.tribunadonorte.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2007.

VESENTINI, José Willian. Educação da Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia em sala de aula.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 14-33.

VIEIRA, Noêmia Ramos. O espaço geográfico em questão: uma experiência de renovação teórico-metodológica no ensino de geografia. **Revista Formação**, UNESP - Presidente Prudente, 2004.